

APRESENTAÇÃO

O dossiê aqui proposto foi elaborado com o objetivo de proporcionar ao público leitor, alunos e professores de graduação e de pós-graduação na grande área das ciências humanas, uma discussão teórico-metodológica abarcando diversos aspectos da relação entre o saber acadêmico, a pesquisa de campo, a comunicação e a atuação nas áreas da educação e da saúde.

Neste dossiê são oferecidas ao leitor contribuições interdisciplinares que, contudo, guardam suas origens teórico-metodológicas disciplinares, isto é, na maioria dos artigos e ensaios aqui coligidos, os autores enunciam suas reflexões desde seus campos de conhecimento específicos. A rigor, três textos deste dossiê podem ser pensados como inter e transdisciplinares. Trata-se, respectivamente, das contribuições de Juliano Varela, Álamo Pimentel e de Velda Torres e Lynn Alves. Particularmente, em relação aos resultados aqui divulgados, este volume dá bastante ênfase às relações entre disciplinas e entre campos teóricos tradicionalmente consolidados, as quais podem ser estabelecidas sem prejuízos do rigor na investigação e, fundamentalmente, destacando a pertinência das Ciências Humanas para a formação de novos pesquisadores e para a mudança social.

Entretanto, a organização não se atém a essa tripla fundamentação da obra, mas aos temas e problemas sobre os quais os autores se debruçam. Sendo assim, encontra-se dividida em três partes.

A primeira parte, “Saberes e Posições Teórico-Metodológicas em Ciências Humanas”, é composta de textos que esmiúçam e procuram se apropriar das contribuições de perspectivas diversas — como a fenomenologia, a etnografia, comunicação e artes — para a pesquisa em Ciências Humanas. De modo geral, podemos dizer que esta parte apresenta uma problematização da aproximação de sujeitos-pesquisadores aos campos de estudos e sugestões de possibilidades analíticas daí decorrentes, tal como já se configurou na abordagem das Ciências Sociais em saúde — talvez um dos casos mais profícuos que conhecemos de diálogo interdisciplinar, do qual é testemunha a atual participação das Ciências Sociais em cursos de Saúde Coletiva, especializações e pós-graduações nesta área.

No artigo de abertura desta primeira parte, intitulado “O método é heterodoxo, o sujeito é posicionado. A pesquisa é possível?”, o autor Ari Lima propõe uma discussão sobre a pesquisa em Ciências Humanas, em particular na Antropologia, como uma questão do trato e da elaboração de

linguagem heterodoxa sobre o que se fala, sobre aquele do qual se fala e sobre aquele que fala. Deste modo, pretende-se enfatizar que se a pesquisa nas Ciências Humanas normalmente é determinada por uma realidade sociocultural exterior, possível de objetivação. Por outro lado, aspectos relacionados à corporalidade e subjetividade do pesquisador orientam sua compreensão e método de pesquisa. No trabalho, aponta o autor, o método de pesquisa é problematizado em relação à condição racial negra, bem como em relação à orientação homossexual, durante longo tempo ausentes, não nomeadas ou não vislumbradas nos estudos sobre o negro e as relações raciais no Brasil.

O segundo artigo é “Corpo e cidade no sertão pernambucano: arte, diálogo social e novas ideias”, de Juliano Varela que nos traz uma reflexão acerca do pensamento e da vivência nas cidades, em especial com relação a nossa situação de sujeitos — corpos. O autor discute como, no contexto pós-moderno, corpo e cidade se alteram e influenciam mutuamente, constituindo um palco tanto de conflitos, quanto de novas possibilidades de conhecimento, inclusive nas chamadas cidades “pequenas” do interior. É neste contexto que o corpo torna-se objeto e mercadoria, mas que também pode ser ponto de origem de diversas “rebeliões”, como os constantes protestos contra a homofobia, o sexismo e as (precárias) condições de acesso à cidade, tais como as recentes manifestações populares. Este artigo consiste em contribuição de especial interesse, pois a reflexão teórico-metodológica do autor é fruto de uma experiência que conjuga arte e educação entre um grupo de 150 jovens das cidades de Ipubi, Ouricuri, Bodocó e Exu, PE, a partir da qual foram realizados um vídeo documentário e um experimento cênico. Neste processo dialógico e interdisciplinar, os jovens exploraram, debateram e reconstruíram suas experiências das cidades em relação com sua vivências encarnadas e Juliano Varela construiu um texto que combina qualidades acadêmicas e estéticas.

No artigo seguinte, intitulado “Entre a questão e o gesto: reflexões sobre o trabalho de campo de base fenomenológica”, Dario R. Sales Jr e Luciana Duccini discutem as contribuições de desta abordagem às bases epistemológicas do trabalho de campo em Ciências Sociais. Para tal, apresentam brevemente a noção de redução fenomenológica, proposta por Edmund Husserl, e suas consequências para a formação de objetos de reflexão. Além disso, o artigo reflete sobre a importância da consideração da formação de objetos do conhecimento a partir da experiência corpórea dos

sujeitos no mundo, tal como discutida por Merleau-Ponty, procurando seguir os passos de cientistas sociais como Paul Stoller, Micheal Jackson e Thomas Csordas na análise do material produzido por pesquisadores presentes em situações de campo. Com essa base, é feita uma rápida discussão de alguns momentos de trabalho de campo produzido pelos próprios autores, procurando evidenciar resultados da perspectiva fenomenológica assumida.

O próximo artigo, intitulado “Dinâmica cultural e construção identitária: reflexões em torno de uma etnografia contemporânea”, de Marcos Luciano Lopes Messeder, propõe uma reflexão meta-etnográfica no contexto das relações interétnicas no Nordeste do Brasil, buscando descrever os caminhos teóricos e metodológicos que são traçados na pesquisa sobre a relação entre o consumo de álcool e a etnicidade entre os Tremembé do Ceará. Em um primeiro momento, o texto descreve o campo empírico da pesquisa, associando-o ao contexto das relações interétnicas que organizam a realidade dos índios no Nordeste. Em seguida, são discutidas as tensões colocadas à elaboração do quadro teórico e metodológico a partir do qual foi construído o trabalho de investigação. Ao final, o texto apresenta algumas reflexões sobre o conjunto dos dados recolhidos e suas implicações para a articulação entre política e elaboração cultural no âmbito dos estudos sobre etnicidade entre os índios no Nordeste brasileiro.

A seguir, temos “Por uma cartografia das poéticas da voz na Bahia, métodos de registro e interpretação”, de Edil Silva Costa e Daiane de Araújo França. Trata-se de um texto que extrapola fronteiras acadêmicas convencionais desde o início, ao tomar “narrativas em sentido amplo” (faladas, cantadas, dançadas ou dramatizadas) como uma forma de literatura que exige métodos particulares de aproximação. Os autores refletem sobre a relação entre narrativas tradicionais e co-presença, mas chamam atenção também para a necessidade de analisar sua conexão com novos suportes disponibilizados pela tecnologia. Mais uma vez, a presença concreta dos sujeitos pesquisados, com suas vozes e corpos, emerge como tema de reflexão metodológica, indicando a importância do diálogo na construção de conhecimento científico.

“Mídia autóctone em periferias urbanas e [sub]urbanas: algumas considerações acerca de pesquisa em comunicação comunitária”, de Ricardo Oliveira de Fretias, também se baseia em diálogos entre a produção do saber acadêmico e a ação social. Tal como Juliano Varela, o autor se volta para a reflexão sobre formas de saber e comunicação que abram espaço

para experiências diversas de atores sociais mais variados. A partir da pesquisa sobre a emergência de novas formas de comunicação — particularmente, com a ampliação do uso da internet e de mídias digitais, mas também com os cineclubes comunitários — Ricardo Oliveira de Freitas discute as complexas relações e condicionamentos mútuos entre cultura de massas e cultura popular, destacando que, se a primeira pode ser pensada como homogeneizadora — apagando, em grande medida, a diversidade dos sujeitos — não pode, contudo, ser tomada como poder nivelador automático. Com o acesso a novas mídias, o autor mostra como grupos muito variados vêm construindo dizeres sobre si mesmos, apesar presença constante das produções de massa. O artigo, então, se volta para a discussão de métodos possíveis para a análise desta realidade dialógica e aberta, uma vez que estas práticas comunicativas estão diretamente ligadas às possibilidades de reverter a invisibilidade a qual largas setores da população foram, historicamente, relegados.

Esta primeira parte se encerra com Vanessa Silva dos Santos que discute a fundamentação da pesquisa de campo, desde suas origens até debates atuais, em “De Malinowski aos pós-modernos: uma breve reflexão acerca da pesquisa etnográfica na Antropologia”. Neste artigo, a autora apresenta uma revisão das proposições de Bronislaw Malinowski em face das exigências de “cientificidade” de sua época (pautadas por uma concepção cartesiana do conhecimento), sem esquecer a importância de outros autores como Franz Boas e Edward Evans-Pritchard para constituição da observação participante que, posteriormente, viria a se tornar ponto central do método etnográfico. A autora traz também alguns questionamentos contemporâneos acerca da autoridade do pesquisador (baseada em tais experiências de “estar lá”) e da necessidade de diálogo com os grupos pesquisados na construção do conhecimento nas Ciências Humanas. Vanessa Silva dos Santos, contudo, não se limita a esta revisão e argumenta que o domínio dos textos clássicos da disciplina são tão indispensáveis para a formação do pesquisador quanto a atual revisão das posições de poder envolvidas nas pesquisas científicas.

A segunda parte, “Ciências Humanas e Educação”, reúne trabalhos que buscam, ora ampliar a concepção do saber acadêmico, mantendo a proposta de dialogar com saberes tradicionais, cotidianos e outros. Além disso, vale destacar as contribuições que envolvem a inserção de alunos da educação básica e professores em formação na cultura digital, uma reflexão

que se faz necessária, dada a presença massiva de novas tecnologias da comunicação em muitos contextos escolares e familiares.

Esta parte se inicia com “Saberes vivenciais: o trabalho do pensamento social no campo da educação”, de Álamo Pimentel, que busca indicar, em caráter provisório, a educação como uma das dimensões do pensamento social que, além de interdisciplinar, deve se reconhecer como intercontextual, pela diversidade de espaços e tempos sociais e culturais em que se faz presente. No texto, estão expostas algumas qualidades dos mitos, das artes, das filosofias, das ciências e do senso comum que podem servir de inspiração para a compreensão da relação profunda entre saberes e vivências. A construção do texto busca suas referências em autores contemporâneos que veem as crises de interpretação do nosso tempo como um convite a novas formulações para a ampliação do presente. Ao lado destes autores, o texto indica que o pensamento social pode oferecer novas compreensões para a ciência e todas as demais formas de saberes que com ela constroem, por meio da educação, suas práticas de afirmação, formação e transformação do humano no mundo.

O artigo seguinte, “Professores e os jogos digitais: um olhar sobre as possibilidades pedagógicas destas mídias”, de Valda Torres e Lynn Alves, discute o papel do educador na sociedade contemporânea, principalmente no que se refere a possibilidades da linguagem midiática, destacando a interação com os *games*. Estas discussões nascem da imersão na literatura e das pesquisas que vêm sendo realizadas pelo grupo de pesquisa Comunidades Virtuais na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que reforçam a premissa de que estas mídias podem se constituir em espaços de aprendizagem que podem atuar como mecanismos para educar para a cidadania. De acordo com as autoras, as conclusões iniciais indicam que a ausência do letramento digital, e especialmente no universo dos *games*, atuou como um grande impeditivo para a construção de um olhar mais crítico em torno das narrativas midiáticas disponíveis durante os cursos.

Esta parte se encerra com um texto singular. Trata-se do relato de experiência “Com um seixo rolado na sala de visitas (ou “Like a rolling stone”): de saber acadêmico e saberes tradicionais na possível produção de alguma educação escolar indígena”, que se destaca pela capacidade de unir reflexão epistemológica e rara qualidade estética ao tratar da relação entre saberes distintos. Ao lê-lo, o leitor é envolvido numa narrativa acadêmica com sabor daquela de um contador de histórias, que deixa o leitor/ouvinte embevecido, atento, de olhos fixos e esquecido do mundo lá fora. Temos

aqui o saber de um cientista que experimenta diferentes cosmovisões e tem a generosidade de partilhá-las, demonstrando sua imensa capacidade de transitar por cada uma delas e defendendo seu lugar singular, num tempo e espaço acadêmicos em que tudo se quer fundir, sem que se possa medir a beleza perdida que cada conhecimento tradicional nos oferece aos sentidos e à razão. Dessa forma, o texto representa o convite ao leitor para se deixar levar às reflexões presentes nos demais trabalhos, nem todos tão esteticamente atrativos, mas todos com uma preocupação comum: como se produz o saber “cientificamente controlado” nas humanidades? E quais são as relações desse saber com a vida de onde ele veio e para onde deveria retornar?

O antropólogo que nos fala, através deste texto, atenta para o fato de a educação escolar indígena ser um campo em que se discute bastante sobre as possibilidades de relação entre conhecimento acadêmico e conhecimentos tradicionais, em especial no âmbito da formação de professores indígenas. Numa visão a partir da Antropologia enquanto “ciência” de mediação entre diferentes “lógicas” de conhecimento, José Augusto Laranjeiras Sampaio lança mão de um relato autobiográfico para afirmar uma dimensão de tradicionalidade também no conhecimento dito “acadêmico”, criticar as perspectivas de “articulação” ou “síntese” entre essas diferentes lógicas e defender a radicalidade da experiência da alteridade como via possível, tênue que seja, para o diálogo e as interrelações entre formas de conhecimento, tomadas aqui como diferentes cosmovisões. Assim, mais do que uma experiência interdisciplinar, este texto nos convida a transcender os próprios muros da academia.

A parte final do dossiê, “Ciências Humanas e Saúde”, traz contribuições que visam ressaltar os possíveis aportes das Ciências Humanas para a compreensão de quem são esses “outros” de nossa sociedade, mas que buscam, sobretudo, ressaltar aspectos e dificuldades da atuação sobre tais “problemas”. José Hermógenes Moura da Costa, Luciana Duccini e Luzania Barreto Rodrigues problematizam a construção cultural dos processos saúde/doença, o acesso antropológico a contextos marginalizados e aos saberes produzidos por agentes sociais “desviantes”; enquanto Luzania Barreto Rodrigues e Élisson César confrontam três formas de aproximação a usuários compulsivos de Substâncias Psicoativas, indicando alguns paradoxos dos modelos atuais de atenção à saúde destas pessoas. Já o artigo de Elena Calvo-Gonzalez traz à baila um novo enfoque sobre um antigo “outro” da história brasileira: o corpo negro. A partir de dois estudos de caso em aten-

ção à saúde da população negra, a autora questiona a construção da própria noção de raça biológica como um híbrido mal definido entre “natureza” e “cultura”.

O artigo intitulado “As ciências sociais em saúde: possibilidades investigativas da antropologia”, de José Hermógenes Moura da Costa, Luciana Duccini e Luzania Barreto Rodrigues, mostra como, ao analisar práticas de manutenção da saúde, as Ciências Sociais vêm revelando a complexa inter-relação entre sociedade, cultura e processo saúde/doença. A antropologia aponta para a mediação que exercem os fatores sociais e culturais na construção de formas características de pensar e agir frente à saúde e a doença. A saúde, o conhecimento do risco, ideias sobre prevenção, noções sobre causalidade, ideias sobre tratamentos apropriados, são fenômenos culturalmente construídos e culturalmente interpretados. As desordens, orgânicas ou psicológicas, nos são acessíveis através da mediação cultural. A antropologia, segundo os autores, vem contribuindo para a compreensão de universos sociais de difícil acesso, culturas *outsiders*, cenários sociais importantes para programas de saúde. Através da problematização do uso e do abuso de drogas, e das instituições destinadas a dispensar cuidados à saúde da população que delas faz uso abusivo, a antropologia propõe dar visibilidade a saberes não-acadêmicos produzidos na prática de consumo de tais substâncias, acedidos na intervenção, junto a estes agentes sociais marginalizados. Ao mesmo tempo, abre espaço para a compreensão das concepções e práticas relativas ao consumo de substâncias psicoativas por parte não apenas de usuários e profissionais de saúde, mas de todos aqueles envolvidos na questão, sejam familiares ou participantes de grupos de apoio. Ao dar visibilidade a esses saberes não-acadêmicos podemos legitimar o conhecimento produzido na prática de uso de drogas, como uma ferramenta possível de intervenção, elo que aproxima a prática antropológica e a prática da “redução de danos”. Desta forma, este artigo evidencia vários ganhos, tanto teóricos quanto práticos, da ultrapassagem de barreiras disciplinares estritas.

Já em “Os CAPSad, as comunidades terapêuticas e o ‘usuário de drogas’: polêmicas e paradoxos”, em que Luzania Barreto Rodrigues e Elisson Alexandre Ferreira César baseiam-se na experiência de campo em um CAPSad (Centro de Atendimento Psicossocial a Usuários de Álcool de Drogas) e em uma comunidade terapêutica evangélica, bem como na atuação em extensão com um coletivo de “redução de danos” na cidade mencionada. A partir destas experiências diversas, os autores apontam tanto a necessidade

de novos enfoques para o tratamento do consumo abusivo de substâncias psicoativas quanto para as dificuldades enfrentadas nos três modelos, em particular, aquelas decorrentes de duas modalidades de pensamento muito distintas, porém ambas muito presentes na sociedade local: a medicalização da sociedade e um ideal puritano de condução da vida. Sua conclusão indica, mais uma vez, o potencial transformador da ultrapassagem dos muros acadêmicos, em especial, no diálogo com os saberes próprios de cada sujeito.

Reunindo estes trabalhos neste dossiê, esperamos possibilitar discussões acerca do nosso fazer acadêmico, suas bases metodológicas e a vida concreta dos grupos estudados. Podemos dizer que, apesar de sua variedade, os textos aqui apresentados têm como pano de fundo comum a preocupação com a inserção dos pesquisadores em meio aos sujeitos de suas pesquisas. Em alguns casos, esta reflexão assume caráter próximo do experimental, destacando modos de construir juntos o conhecimento. Em outros, permite o questionamento de categorias que, emergindo do “saber científico”, acabaram se tornando bases para ações institucionais e políticas públicas. Desta forma, esperamos que este volume contribua para a formação de novos pesquisadores em Ciências Humanas.

Luciana Duccini (UNIVASF)
Luzania Barreto Rodrigues (UNIVASF)